Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 43

Data: 02/12/76 Pg.:

Campinas/SP - Av. Higienópolis, 989 - 01238

No Maranhão, desamparo do índio favorece conflitos

RAYMUNDO COSTA
Correspondente em S. Luís

A inoperância da Funai (Fundação Nacional do Índio) diante dos principais problemas que afetam as populações indígenas que habitam o interior da Maranhão está agravando os conflitos entre índios e brancos até um limite considerado perigoso por indigenistas, antropólogos e autoridades de segurança. As tribos mais atingidas, sem falar daquelas em fase final de extermínio, como os Krikatis e timbiras, são os guajajaras, os urubu-kaapor e os guajás, este um grupo arredio inteiramente abandonado pela Funai.

Nove índios desse grupo visitaram, recentemente, o posto indígena Governador (que teve uma de suas aldeias incendiadas no início do ano por pistoleiros), a centenas de quilômetros de distância da área que habitam, perto da divisa com o Estado do Pará. A Funai limitou-se a enviar à região do posto governador o sertanista João Fernandes Moreira, chefe da frente de atração dos guajás, que permaneceu apenas um dia no local, não tentou o contato com os índios e voltou para São Luís.

CAÇADOS

O sertanista reside há mais de um ano na Capital e esteve só uma vez na frente de atração dos guajás, no Alto Rio Turiaçu, a mais de 800 quilômetros de São Luís. O posto está abandonado e o serviço de atração dos guajás paralisado. Pressionados pelo avanço das frentes pioneiras, esses índios vagueiam pelas matas do Maranhão e há algum tempo foram vistos numa fazenda da região do rio Buriticupu, onde o governo do Estado desenvolve um ambicioso projeto de colonização que tem sido o principal motivo da luta entre guajajaras e brancos.

Mesmo assim, a Funai ainda não enviou ao local um sertanista. Para sobreviver, os índios matam o gado das fazendas próximas, e por isso estão sendo caçados por todos os brancos de Amarante do Maranhão. Os erros da atração dos guajás vêm desde a instalação da frente. Funcionários da Funai que estavam doentes (provavelmente gripados) mantiveram contato com o primeiro grupo atraído, o que provocou a morte de 17 guajás. O sertanista João Carlos Meireles, que mantinha um trabalho sistemático de atração dos guajás, foi estranhamente transferido da área, onde atualmente se encontram apenas dois índios aculturados.

Os guajás são nômades e constituem a última tribo arredia do Maranhão. A Funai estima que o grupo seja constituído de aproximadamente 250 indivíduos, dos quais apenas 51 foram contatados desde a instalação da frente, há cerca de 5 anos. A história de sua pacificação é "assunto tabu" na delegacia regional de São Luís, onde todos evitam qualquer comentário a respeito.

GUAJAJARAS

O caso mais grave, no entanto, continua sendo o dos índios guajajaras, que lutam desesperadamente pelas terras que lhes restam na pré-Amazônia maranhense, cobiçadas tanto por posseiros como pelo próprio governo do Estado, que, por exemplo, vendeu grande parte da área do posto indígena Angico Torto, afetando principalmente a parte da aldeia Cururu. Isso ocorre sem que a Funai interfira para acabar com o conflito, demarcando a terra dos índios.

O conflito que resultou da morte do índio Antonio e do posseiro Anselmo Bento, no último dia 25, é apenas mais um reflexo dessa situação. Há bastante tempo que os indigenistas reivindicam a criação de um posto na aldeia Sapucaia — onde ocorreu o conflito — que está sendo invadida de todos os lados por posseiros e fazendeiros, conforme contam os índios. No entanto, a Funai pensa transferir esses índios para outro lugar, deixando a área livre para a penetração dos brancos.

Por fim, os urubu-kaapor também estão insatisfeitos com a política da Funai, que os preteriu em favor da Companhia de Colonização do Nordeste — Colone —, órgão do Ministério do Interior. É que a Funai transferiu os kaapor para terras estéreis, deixando sua antiga área para que a Colone executasse o projeto de colonização do Alto Turi. Acuada pelas frentes pioneiras, àquela que o antropólogo Darci Ribeiro considera "a última tribo ainda relativamente numerosa representativa da cultura de grupos tupi, que ocupavam a costa brasileira por ocasião da descoberta, e que mais influíram na formação do povo brasileiro", parece estar sendo reservado o mesmo destino dos krikatis e timbiras, reduzidos a alguns poucos indivíduos que vivem da mendicância no interior maranhense.

Para alguns observadores, um dos fatores que mais contribuem para a situação de penúria em que se encontram os índios do Maranhão é a falta de preparo do pessoal que atua diretamente junto às tribos. Basta verificar — dizem esses observadores — que apenas três dos oito postos guajajaras existentes no Maranhão contam com funcionários que passaram por concurso e têm curso de indigenismo. Há o exemplo do posto Pindaré, também dos guajajaras, que foi durante muito tempo chefiado por um ex-motorista da Funai. E pelo posto Angico Torto, onde se tem verificado o maior número de conflitos, está respondendo, atualmente, uma assistente de enfermagem.

Tribo não quer ser deslocada

Da Sucursal de BRASÍLIA

O índio tapirapé Txanio afirmou ontem em Brasília que o diretor do Departamento Geral de Operações da Funai, Francelisio Wanderbrook, em sua recente visita à aldeia, anunciou que o órgão está pretendendo transferir o grupo indígena para a Ilha do Bananal, liberando a área para as grandes empresas agropecuárias Tapiraguaia, Porto Velho e Codeara.

Txanio, filho do cacique de sua tribo, que vive próximo à Ilha do Bananal, é totalmente contrário à mudança, opinião também defendida pelas irmãzinhas de Jesus, religiosas que trabalham há vários anos com o grupo. A terra dos índios tapirapés tem sido objeto de disputa desde que as grandes empresas agropecuárias chegaram à área, com incentivos da Sudam. Segundo Txanio, Wanderbrook anunciou também a transferência do grupo carajá.

O sertanista Apoena Meirelles decidiu permanecer na Funai, depois de ouvir as ponderações do presidente do órgão, general Ismarth de Araújo Oliveira, sobre a importância de sua presença junto aos índios. Afastado do Departamento Geral de Operações da Funai, Apoena passará a cumprir tarefas de demarcação de áreas indígenas. A primeira missão será o reconhecimento de uma área perto da reserva waimiri-atroari.